

Tramitação Editorial:

Data de submissão (recebimento):
01/01/2020.

Data de reformulação: 10/02/2020

Data de aceitação (expedição de carta de aceite): 01/03/2020

Data de disponibilização no site (publicação): 20/03/2020

DOI: <http://doi.org/10.5281/zenodo.4292324>

Publicado: 2020-03-20

ÓBITO E LUTO: OS DESAFIOS ENCONTRADOS PELA EQUIPE DE ENFERMAGEM

DEATH AND MOURNING: THE CHALLENGES ENCOUNTERED BY NURSING STAFF

*Simone Aparecida Noronha de Souza¹
Samara Costa da Rocha Nogueira²
Walquiria Lene dos Santos³
Ana Lúcia Mendonça dos Santos⁴*

Resumo

O artigo aborda questões relativas ao óbito e os desafios encontrados pela equipe de enfermagem. A morte é um evento biológico que encerra uma vida, é um dos acontecimentos que mais ocasionam interrogações na história do homem. A pesquisa objetivou identificar os desafios encontrados pela equipe de enfermagem diante do óbito, avaliando se esses profissionais estão preparados para tais situações. Estudo de abordagem transversal descritiva quantitativa, utilizando-se para coleta de dados, realizada mediante questionário aplicado à equipe de enfermagem de um hospital em Brasília situada no DF. Os dados demonstraram que apesar de 77,5% não possuir fornecimento de capacitação ou estratégias para equipe, 72,5% sentem-se preparados diante do óbito, contudo o maior desafio encontrados por eles é lidar com o sofrimento da família 67,5%, levando assim ao sentimento de muita tristeza com 70%. Os resultados apontam profissionais em despreparo psicológico e emocional. Conclui-se a necessidade de capacitação de maneira individual e coletiva.

¹ Enfermeira Especialista. Coordenação de Estágios da Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires.

² Enfermeira Graduada pela Faculdade de Ciências e Educação Sena Aire

³ Mestre em Enfermagem. Coordenação do curso de Enfermagem da Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires

⁴ Pedagoga. Especialista em Didática do Ensino Superior em EAD.

Palavras chaves: More. Qualidade de vida. Família e Saúde dos Profissionais

Abstract

The article addresses issues related to death and the challenges encountered by the nursing team. Death is a biological event that ends a life, it is one of the events that most cause questions in the history of man. The research aimed to identify the challenges faced by the nursing team in the face of death, assessing whether these professionals are prepared for such situations. Cross-sectional quantitative descriptive study, using for data collection, carried out through a questionnaire applied to the nursing staff of a hospital in Brasília located in DF. The data showed that although 77.5% do not have provision of training or strategies for the team, 72.5% feel prepared in the face of death, however the biggest challenge they encounter is to deal with the family's suffering, with 67, 5%, and this leads to a feeling of great sadness with 70%. The results point professionals in psychological and emotional unpreparedness. It concludes the need for training individually and collectively.

Keywords: Death. Quality of Life. Family. Health professionals

Introdução

O sofrimento no fim da vida é um desafio que se apresenta aos profissionais de saúde nesta era tecnológica. Muitas pessoas preferem evitar o tema quando o assunto é morte, pois arremete a um processo que acarreta profundas reações emocionais. A morte é um acontecimento difícil para todos, sejam filhos, sejam pais, familiares e profissionais da área de saúde, por gerar sentimentos de dor, inconformidade, negação e saudade.¹

A morte é um evento biológico que encerra uma vida, é um dos acontecimentos que mais ocasionam interrogações na história do homem. É fenômeno irreversível, sua definição ainda não é precisa. A morte incomoda e desafia a onipotência humana e profissional, pois esses profissionais são capacitados para cuidar da vida e não da morte. No entanto, para uma infinidade de pessoas, a morte é ainda vista como um acontecimento alheio, longe da realidade e do cotidiano moderno. Em meio a esta situação conflituosa, é preciso haver equilíbrio e bom senso²

A morte pode conter vários significados, de acordo com sua formação cognitiva, estrutural e religiosa de cada pessoa. Porém, na sociedade contemporânea ocidental, a finitude é pouco discutida, excluída do âmbito social, tornando-se um tabu.³

Na antiguidade sempre havia uma enfermidade que para algumas pessoas tinha conotação mágica, sagrada ou demoníaca. A lepra, por exemplo, era uma das doenças que curá-la era um dos milagres mais frequentes na vida de Cristo. Na Idade Média era a Sífilis e atualmente o câncer é uma doença considerada como tabu.^{3,4}

A equipe de enfermagem está exposta a casos de enfrentamento da morte sob seus cuidados, encontrando dificuldades em encará-la como parte integrante da vida, tendo-a como resultado do fracasso terapêutico e do esforço pela cura.⁵ Profissionais de saúde carregam sobre si uma responsabilidade muito grande em manter os pacientes com vida, e acabam lidando com a morte como algo proveniente de um acidente diante do propósito da sua profissão que é a de salvar vidas, trazendo para si um sentimento de fracasso até mesmo da própria equipe, causando-lhes tristeza, angústias e muitas das vezes derrota.

Enfrentar a morte a todo o momento tornou-se missão primordial para quem trabalha na área da saúde, ainda mais devido ao avanço da ciência, das técnicas cirúrgicas, do surgimento de tecnologias que permitem o prolongamento da vida de pacientes terminais, da produção de medicamentos em larga escala.⁶

Nota-se que devido à ausência de abordagem sobre o tema por parte das academias, muitos profissionais de enfermagem sentem-se despreparados para lidarem com situações que envolvam a morte.⁷

Os enfermeiros, profissionais cuja presença se faz de maneira ainda mais constante no cuidado junto a pessoas que vivenciam a sua finitude, experimentam de maneira potencializada os sentimentos conflitantes sobre morte⁸

Acadêmicos de enfermagem, progressivamente estão indo a campo de estágio sem o devido preparo para lidar com a morte, e com isso o despreparo para lidar com esse tema, visto que este deveria ser abordado durante a graduação com mais enfoque, para que haja um preparo psicológico ainda no próprio ambiente acadêmico, fazendo com que se tornem aptos a encarar e lidar com qualquer tipo de situação incluindo a morte.⁹

Sendo assim, a convivência diária com a morte não isenta os profissionais de expressão de sentimentos ruins, pelo contrário, é fundamental que compreendam melhor esse fato, para poderem sofrer menos, controlar suas emoções, pois falar sobre morte sempre assustou o ser humano.⁵

Os profissionais de enfermagem têm um papel muito importante diante da pessoa em processo de morte; o cuidado é uma questão presente em seu cotidiano, o que pela sua proximidade com a pessoa doente, pode causar-lhes sentimentos como tristeza, frustração, raiva, fuga e até negação, por não conseguirem manter a vida.⁴

É necessário que a equipe de enfermagem aprenda a lidar com as perdas e faça com que esse período se torne o mais confortável possível ao paciente e aos seus familiares. Esse é um desafio muito grande que tem sido discutido entre as equipes multidisciplinares.

A morte incomoda e desafia a onipotência humana e profissional, pois os profissionais da saúde são ensinados a cuidar da vida, mais não da morte. Prova deste fato é que na maior parte dos cursos de formação de profissionais da saúde, não existe uma disciplina curricular que trate do assunto de forma não defensiva e biologicista.⁴

A morte se tornou uma verdade para quem cuida, para todos os profissionais. A morte passou a assustar, a causar pânico, a ser negada também pelo profissional, que a interpreta como a negação de seu trabalho, de seu objetivo de salvar vidas.⁶

A morte, historicamente, passando ao hospital, teve o seu negar como uma ação coletiva, social. Escondeu-se o medo, o pavor, o morto e a doença incurável. Assim, a morte escondida pareceu aliviar a vida exterior ao hospital; no entanto, deu oportunidade ao trabalhador da área de saúde lidar com ela como parte de seu cotidiano, mesmo incompreendida e aceita com restrições, gerando angústias, ansiedade e mais negação.⁶

É explicável, em algumas instâncias, o fato de estudantes e profissionais sentirem-se impotentes diante da perda de um paciente que está sendo assistido ou reanimado. Esse “fracasso” não se traduz somente como um fracasso nos cuidados empreendidos, mas como uma derrota diante da morte e da missão implícita das profissões em saúde: salvar o indivíduo, minimizar sua dor e seu sofrimento, trazê-lo à vida.⁶

O “cuidar” é algo inerente ao ser humano. Cuidamos do nascimento até a morte. A enfermagem é uma profissão direcionada ao cuidar e norteada por princípios científicos, técnicos, administrativos e éticos.³

No âmbito acadêmico, a temática da morte e sua vivência são relegadas ou excluídas da formação dos enfermeiros, não havendo uma disciplina específica sobre o tema que valorize e ressalte a esfera humanística e filosófica, potencializando a sensação de que somente o reestabelecimento da saúde faz parte de uma boa assistência.³

Os profissionais de enfermagem, mesmo trabalhando há algum tempo com pacientes graves, não se habitam a situações de morte e muitos não compartilham esses sentimentos com seus colegas, aumentando ainda mais a tensão. O envolvimento é muito grande, e esses profissionais sentem-se impotentes, muitos até choram, pois acreditam ser o momento de expressar o sofrimento para aliviar sua própria dor.⁷ Quando os

graduandos de enfermagem se deparam com essa situação de morte, vêm um sentimento de frustração e incapacidade, devido ao despreparo, no entanto, eles sabem que não podem negar a existência da mesma, assim dificultando até o relacionamento entre aluno-paciente, onde referem apego e com isso gerando sentimentos de culpa, impotência e tristeza, trazendo assim o destaque para um elemento de extrema importância, que é enfrentar a morte do paciente e a abordagem perante seus familiares. Contudo, existe essa carência em abordar mais a fundo sobre o tema dentro das universidades, para que se desenvolva e os prepare para este momento. ^{10,11,12}

Diante disso, surge a necessidade da equipe de enfermagem quebrar o silêncio e ousar falar de seus medos, suas dores, do luto que deve ser elaborado, afim que o cuidado seja melhor prestado. É importante que esses profissionais se permitam entristecer, mais que não se sintam culpados. ⁵

O objetivo da pesquisa foi identificar os desafios encontrados pela equipe de enfermagem perante o óbito nos setores de Pronto Atendimento, Unidade de Clínica Médica, Unidade de Oncologia e Unidade de Terapia Intensiva de um hospital em Brasília.

Materiais e Métodos

O presente estudo buscou realizar uma abordagem quantitativa com delineamento transversal.

A amostra foi pesquisada após aprovação do Comitê de Ética e Pesquisas, sendo aprovada com o Número do Parecer: 2.411.180. CAAE: 77325417.8.0000.5595. Estas foram selecionadas através de pesquisa realizada no próprio Hospital, no período de Setembro e Outubro de 2017, fizeram parte deste estudo apenas os profissionais deste Hospital, que estavam presentes durante o período da coleta dos dados e que concordassem em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Participaram desta pesquisa 40 Profissionais da equipe de Enfermagem, sendo 27 Técnicos de Enfermagem e 13 Enfermeiros. Não houve necessidade de mudança do esquema ou suspensão da pesquisa.

No tratamento e tabulação dos dados foi utilizado o programa da Microsoft Excel 2010, originando os gráficos e tabelas, onde se utiliza técnicas específicas, sendo este método utilizado para precisão de resultados com o objetivo de evitar distorções de análises e interpretações, dando margem de segurança em relação às conclusões.

Resultados e Discussão

A pesquisa foi efetuada através de questionário sociodemográfico; Óbito e Luto: Os desafios encontrados pela equipe de enfermagem, e de acordo com os resultados obtidos foram possíveis verificar que, das variáveis selecionadas para este estudo, as diferenças estatisticamente significativas com as diversas dimensões do bem-estar psicológico. O questionário com 14 perguntas com respostas de 01 a 05, e 12 domínios para apresentação dos resultados, sendo eles: sexo, estado civil, setor de trabalho, cargo exercido, tempo de atuação, estado emocional, contato com a morte, capacitação individual, capacitação da equipe, os resultados variam de 0 a 100.

No que se refere aos dados coletados, o sexo feminino demonstrou 72,50% da amostra e homens com 27,5% da participação do estudo. Mulheres são a maioria e ocupam cada vez mais espaço no mercado de trabalho, onde as mesmas buscam por uma qualificação, as mulheres são mais propensas as emoções, além disso, a tristeza na mulher também é mais intensa, já que nesses casos uma porção cerebral oito vezes maior que a dos homens é ativada ³.

O segundo tópico demonstra o estado civil dos profissionais, onde com 47,5% tem união marital, seguido de 7,5% com uma união estável, 37, 5% são solteiros e para compor a contagem 7,5% são divorciados, o que leva a ver que com as evoluções das sociedades atuais, vem ocorrendo um fenômeno diferente, este destruiu os antigos laços

e o que predomina é o individualismo, as pessoas vivem em um ritmo acelerado e ter o conforto da família é sempre bom.⁴

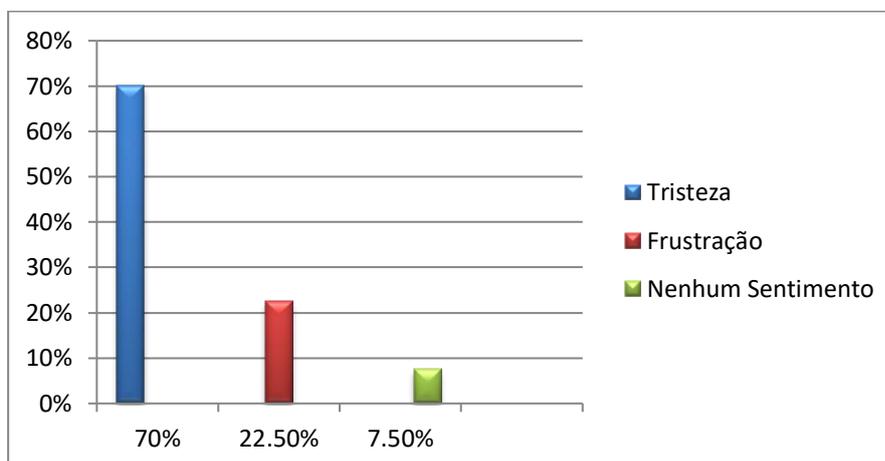
Podemos constatar uma concentração de 40% dos profissionais estão na Unidade de Terapia Intensiva, onde os mesmos são submetidos ao óbito todos os dias, seguido do setor de Oncologia com 25% de profissionais alocados, 20% se encontram no setor de clínica Médica e 15% no setor de pronto atendimento. Os profissionais de um modo geral vivenciam esse processo de morte e de morrer e assim expressam aqueles sentimentos que os levam à tristeza, a impotência e ao fracasso.³

Os cargos desenvolvidos pelos profissionais entrevistados se dividem em 67,5% são técnicos em enfermagem e 32,5% são enfermeiros, porém ambos exercem cargos que exigem bastante equilíbrio emocional, pois o contato direto com o paciente e os parentes os leva a ter vínculos afetivos e com isso levando a sofrimentos posteriores.⁶

No que se ao domínio de tempo de atuação exercido dentro da área, onde 47,5% dos profissionais exercem sua atividade a mais de 5 anos, o que lhes dá um pouco mais de tempo nesta jornada, porém o estado emocional que os arremetem a respeito do ponto de vista sobre a morte é que a mesma faz parte do seu dia - a - dia, outros 25% mais de 3 anos, 20% estão na área mais de um ano e somente 7,5% estão há menos de 6 meses, contudo, mesmo com o passar dos anos os profissionais sentem-se despreparados para enfrentar o processo da morte.³

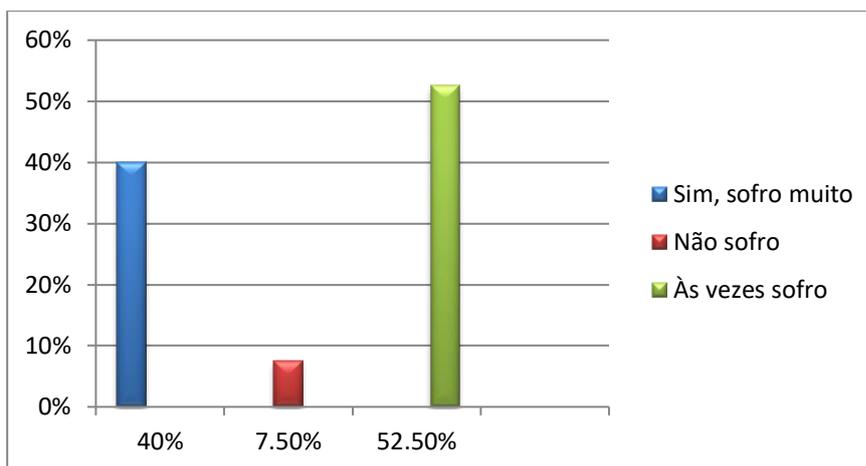
No que se refere a Análise Estatística do Domínio Estado Emocional do Ponto de Vista Sobre a Morte, entrevistados relatam que lidar com a morte é um encargo imprescindível para quem trabalha com a saúde, pois o mesmo além de lidar com o sofrimento pessoal, presta cuidados também à família². A pesquisa comprova estatisticamente que 70% das repostas diz que a morte faz parte, mas 17,50 % diz nunca ter se acostumado com tal situação e somente 12,50% já sabem lidar com isso, relatando que já se acostumaram.

Gráfico 1 - Análise Estatística do Domínio Estado Emocional. Sentimento Perante a Morte.



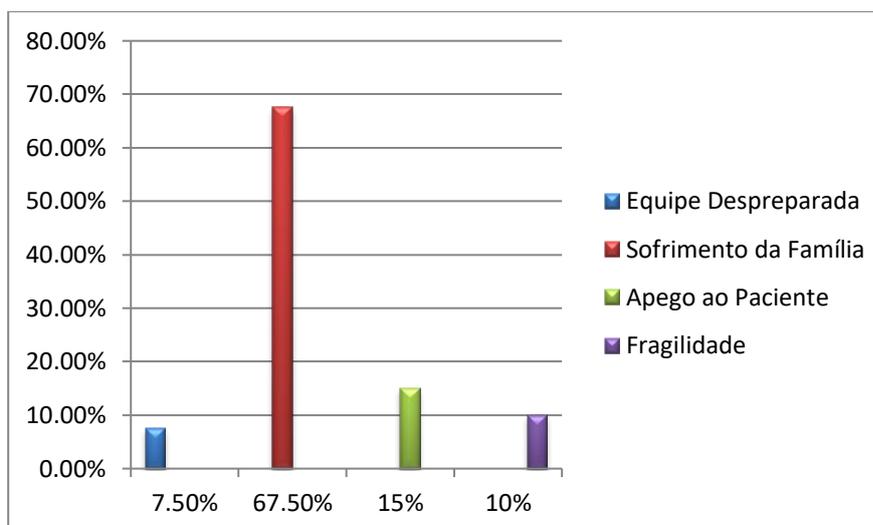
O sentimento desenvolvido pelos profissionais mediante a morte os predispõe ao medo a todo o momento, e é possível afirmar a proximidade diante da situação mais crítica, são as pessoas mais abordadas tanto pelo paciente como pela família, assim, passam a desenvolver sentimentos de afetividade com os mesmos.² Nos resultados apontados na pesquisa mostram a tristeza desenvolvida e vivida por esses profissionais, que 70% dos entrevistados afirmam ter esse sentimento, seguido pela frustração com 22,5% que também é bem experimentado no meio deles e somente 7,5% dizem não ter alteração nenhuma em relação a sentimento.

Gráfico 2 - Análise Estatística do Domínio Estado Emocional. Sofrimento Mediante Perda de um Paciente.



O gráfico apresentado entra em concordância com os apontamentos anteriores, onde, somente 7,5% dos entrevistados dizem não sofrer com tal situação, a pesquisa aponta ainda que em relação a perda do paciente 40% relatam sofrer muito e 52,5% diz que às vezes ocorre sentimento de sofrimento.

Gráfico 3 - Análise Estatística do Domínio Estado Emocional. Maior Desafio Enfrentado.



O maior desafio encontrado por esses profissionais a respeito do assunto em questão é lidar com o sofrimento da família, este lidera com 67,50%, seguido pelo apego ao paciente com 15%, a fragilidade consta com 10% e apenas 7,50% tem em sua concepção que a equipe está despreparada para lidar com tal situação. O enfrentamento em informar aos parentes e amigos não pode ser evitado, ao se deparar com as reações dos entes temem por perderem também o controle, o que causa ansiedade e desconforto.⁶

Dentre os entrevistados 40% tiveram seu primeiro contato com a morte no ambiente de trabalho, outros 32,50% passaram por essa situação em casa com seus parentes, seguidos de 27,50% que tiveram essa experiência em sua trajetória acadêmica, ou seja, no estágio. Durante a formação na área da saúde, já deve ser abordado tal situação, no entanto, estudantes e profissionais se sentem impotentes e isso pode arremeter como um fracasso nos cuidados empreendidos e da função que implica na profissão de saúde que é salvar vidas e minimizar o sofrimento e não deixá-lo morrer.⁶

De acordo com a pesquisa, os entrevistados sentem-se preparados para morte e pode lidar muito bem com ela, sendo seu percentual de 72,50%, e apenas 12,50% diz não estar preparado para esse tipo de situação, 15% se manifestou ser indiferente, caso tenha que passar por ela.

Mesmo com tais índices sendo apontados, somente 20% diz que sua equipe recebe capacitação e estratégias para lidar com a situação e 77,50% diz não receber capacitação alguma. Um total de 2,5% relataram não gostar de capacitações sobre o tema. Sem a capacitação devida uma equipe pode acabar lidando com a falta de manejo em tal processo podendo ocasionar fracasso, derrota, vergonha e muitos outros, e pode levar até mesmo ao distanciamento por parte do paciente ou familiar por perceberem que não tem domínio sobre tal situação.⁷

Conclusão

Considerando que a equipe de enfermagem tem uma atividade direta e intensa com o paciente e muitas das vezes com os familiares, mostra que é uma das profissões mais suscetível ao estresse. Contudo a presente pesquisa trouxe a possibilidade de analisar a experiência vivenciada por enfermeiros e técnicos de enfermagem que atuam em um Hospital de Brasília frente ao processo de morte e morrer do paciente, e observar a visão destes profissionais a esses pacientes e identificar como lidam com eles e suas famílias.

Conclui-se a necessidade de capacitação de maneira individual e coletiva. Cabem as equipes importantes e diferentes tarefas, nos quais irão desenvolver um programa de necessidades do hospital, o qual se deve levar em conta o indispensável equilíbrio entre as áreas de diagnóstico, de tratamento e internação. Seria o ideal que profissionais da saúde tivessem um bom preparo já desde a graduação, para lidar com a morte, pois muitos deles passam pela vida acadêmica sem de fato saber sobre a morte, a falta de preparo em lidar com o óbito muita das vezes acabam por se envolver nos problemas do paciente, sendo que na verdade, eles teriam mesmo era que ajudar a resolver os problemas, já que isso acarreta uma série de problemas para eles, como: os sentimentos ruins de angústia, tristeza, luto, e até mesmo depressão, também passar confiança e segurança pra ele, e ainda ter um bom relacionamento com a família, já que são a ponte de ligação entre a família e o paciente.

A morte é um tema onde as pessoas não gostam muito de falar, até mesmo os profissionais de saúde que lidam com isso todo tempo, sabemos que a morte é algo inevitável, e que faz parte do ciclo natural de vida, mas mesmo assim elas preferem não comentar, ou falar sobre o assunto.

Com isso cada vez mais o tema óbito e luto tem sido algo bastante difícil de tratar, e assim o assunto vai sendo deixado de lado e quando realmente deve-se lhe dar com tal situação, as pessoas e até mesmo os profissionais de enfermagem, se sentem despreparados.

Referências

Mattos TAD, Lange C, Cecagno D, Amestoy SC, Thofehrn MB, Milbrath VM. Profissionais de enfermagem e o processo de morrer e morte em uma unidade de terapia intensiva. Revista Mineira de enfermagem. 2009; 13(3).

Banazeski FTLL, Vargas BJV, Silva SS. O olhar da Enfermagem diante do Processo de Morte e Morrer de pacientes críticos: Uma revisão integrativa. Revista eletrônica trimestral de Enfermeira. 2016; 41 (1).

Salomé GM, Cavali A, Espósito VHC. Sala de emergência: o cotidiano das vivências com a morte e o morrer pelos profissionais de saúde. Revista Brasileira de Enfermagem. 2009; 62(5).

Brêtas JRS, Oliveira JR, Yamaguti L. Reflexões de estudantes de enfermagem sobre morte e morrer. Revista da Escola de Enfermagem da USP. 2006; 40(4).

Souza LPS, Ribeiro JM, Goncalves RRBR, Silva CSO, Barbosa DA. A morte e o processo de morrer: sentimentos manifestados por enfermeiros. Revista eletrônica trimestral de Enfermeira. 2013; 32 (1).

Silva ALL, Ruiz EM. Cuidar, morte e morrer: Significações para profissionais de enfermagem. Estudos de Psicologia (Campinas). 2003; 20(1).

Santos MA, Hormanez M. Atitude frente à morte em profissionais e estudantes de enfermagem: revisão da produção científica da última década. Ciência e Saúde Coletiva. 2013;18 (9).

Bellato, R. et al. A abordagem do processo do morrer e da morte feita por docentes em um curso de graduação em enfermagem. Acta Paul .Enferm. São Paulo, v. 20, n. 3, 2007.

Saraiva DMRF. Atitude do enfermeiro perante a morte. Disponível em http://www.forumenfermagem.org/index.php?option=com_content&view=article&id=3505:atitude-do-enfermeiro-perante-a-morte&catid=205:abril-a-maio-2009.

Azevedo NSG, Carvalho PRA, Rocha CF. O enfrentamento da morte e do morrer na formação de acadêmicos de medicina. Rebem- Revista Brasileira de Educação Médica, v35, n:1 p.37-42, março 2011.

Bretas JRS, Oliveira, JR, Yamaguti L. A morte e o morrer segundo representações de estudantes de enfermagem. REE- Revista Escola de Enfermagem da USP, v41, n:3 p. 386-393, setembro 2007.

Barbosa MA, Pinho LMO. A relação docente-acadêmico no enfrentamento do morrer. REE- Revista Escola de Enfermagem da USP, v44, n:1 p. 107-112, março 2004.